

A wide-angle landscape photograph of Guincho beach and dunes. In the foreground, there are sandy dunes with sparse, dry, yellowish-brown grass. A small, calm body of water, likely a lagoon or salt pond, is situated in the middle ground, reflecting the sky. To the left, the ocean waves are breaking onto a sandy beach. In the background, a long, rugged coastline with cliffs and green hills stretches across the horizon under a clear blue sky with a few wispy clouds. The overall scene is peaceful and scenic.

GUINCHO

UMA REVOADA DE HISTÓRIAS

Margarida de Magalhães Ramalho

GUINCHO

UMA REVOADA DE HISTÓRIAS

Margarida de Magalhães Ramalho

CASCAIS Para toda
a vida



O mar rolou as suas ondas negras
Sobre as praias tocadas de Infinito.

Sophia de Mello Breyner



Fim da tarde na Praia do Abano, s/d | Giorgio Bordino



Restaurante da Praia do Abano, s/d | Giorgio Bordino



Maria da Luz Coelho Pacheco pescando na Boca do Inferno, década de 1950 | Col. Família Palmeirim

ÍNDICE

10	PREFÁCIO
14	INTRODUÇÃO
18	UM PASSEIO À BEIRA-MAR
30	ALERTA NA COSTA
44	REALEZA A BANHOS
54	A LUTA DO BEM E DO MAL OU O MISTÉRIO DA BOCA DO INFERNO
64	VENTOS DE GUERRA
82	O REGRESSO À PAZ
90	MORTE NAS DUNAS E CURVAS PERIGOSAS
100	GUINCHO E O DESPERTAR PARA O TURISMO
110	E VIVA O VENTO
118	BIBLIOGRAFIA
119	AGRADECIMENTOS



PREFÁCIO

A História, como nos mostram as suas mais renomadas figuras, não é eterna. Permanece na memória dos que a constroem ciclicamente, de geração em geração. Para aqueles que a construíram e constroem, Cascais é, pois, uma comunidade que existe pela continuidade espacial e temporal que a alimenta – um movimento do passado que percorre o presente e se estende para o futuro.

Na nossa Vila, esta corrente, sinuosa mas ordenada, proporciona aos seus forjadores o sentido de pertença ao todo que os conduz a primar pelo bem do coletivo – o bem comum. Apesar dos amplos retratos históricos de que Cascais foi objeto, o Guincho, um dos seus locais mais emblemáticos, permanece ainda por decifrar aos olhos dos seus munícipes.

Na presente obra, Margarida de Magalhães Ramalho tece-nos um itinerário detalhado pela história meandrosa do local onde se desencadearam as nebulosas “*guerras de sombra*” da década de 1940.

A partir das condições geológicas oferecidas pelo território que delimita uma parte considerável desta zona de Cascais – a que apõe parcialmente o seu relato pessoal enquanto cascaense –, a Autora expressa na sua obra o que sentimos quando caminhamos da Boca do Inferno ao Cabo da Roca. Num percurso extenso, encontramos os cumes imperfeitos de rochedos que amparam a força temerosa e desconcertante do mar bravo do Guincho, enquanto visualizamos os areais amplos onde o calor enfrenta os ventos húmidos de um céu imprevisível. No meio da desarmonia originária da natureza, as dunas ondulantes vestem-se de arménias que convocam a memória, o sentido e o espírito de cada leitor para a mais recatada terra, onde apenas árvores e arbustos, aves e mamíferos pedonais se impõem diante do nosso olhar incrédulo.

Este é o cenário que a Autora nos apresenta como campo das ocorrências que marcam a história do Guincho. Guiados por uma linguagem sucinta e tingida, o tom dinâmico com

o qual entramos em contacto ao longo de toda a obra permite ao leitor navegar por acontecimentos inusitados.

Apreendemos gradualmente o substrato histórico por detrás da transformação do Guincho, hoje em certa parte inimaginável. Desde o segundo capítulo, descobrimos que, junto daquele vasto areal, se viveram intensamente algumas das eras mais atribuladas da História de Portugal. Na linha das falésias escarpadas do Guincho, a resistência portuguesa liderada por D. Diogo de Meneses bateu-se contra o vigor da Armada espanhola de Filipe II de Espanha, I de Portugal. Aqui se fixaram fortes militares dos séculos XVII a XIX, viveram-se os tempos finais da monarquia constitucional portuguesa, desde o reinado de D. Luís, e desenrolaram-se tensões nebulosas no seio da neutralidade portuguesa durante a Segunda Grande Guerra.

Apoiada em documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e do Arquivo Histórico Municipal de Cascais, assim como em relatos de vários semblantes cujos testemunhos vão sendo citados no final de cada capítulo, Margarida de Magalhães Ramalho exhibe a importância de Cascais – e, em especial, do Guincho – para o desenlace de acontecimentos de eco mundial. Devido à sua posição de enorme relevância geoestratégica – de ligação entre continentes distantes –, o Guincho foi determinante para transformar Cascais na vila de reis e pescadores que hoje conhecemos. A partir do século XIX, foi nestes areais que se montaram as aristocráticas “*Vanity Fairs*” – nas proximidades do local onde, nos contornos da Boca do Inferno, se viram caminhar vultos emblemáticos do século XX portugueses como Fernando Pessoa e Raúl Proença, ou, antes deles, intelectuais novecentistas como Eça de Queirós.

Na narração da Autora, o Guincho aparece como o teatro natural idílico que as contendas bélicas ou dissuasoras foram moldando ao longo de séculos. Da Cidadela de Cascais ao Forte da Roca, casas dispersamente recônditas foram o palco de conspirações durante a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Grande Guerra. Sobre o Guincho, pairou a névoa áspera e densa da guerra. O palco de um melodrama que, como a Autora nos demonstra, se exibiu

em várias facetas: ora como refúgio das vítimas desamparadas da Segunda Guerra Mundial, ora como centro de espionagem clandestina entre Aliados e forças do Eixo, ora ainda como o teatro de revoltas contra as autoridades do regime autoritário português.

A partir deste clima incerto, o Guincho serviu igualmente de local pioneiro para a arte e para o desporto. Ao uso das suas praias como cenários para a produção cinematográfica, as suas estradas receberam algumas das corridas de automobilismo mais memoráveis em Portugal. Entre acidentes nas curvas e nos mares, a Autora mostra-nos por fim como, a partir dos anos 70, o Guincho se tornou um centro de atração de gastronomia e do surf, onde marcaram presença figuras renomadas do século XX português, do cinema norte-americano e da política europeia.

Num excurso acompanhado de registos fotográficos, Margarida de Magalhães Ramalho exhibe o substrato histórico que colocou Cascais nas bocas do mundo. Uma leitura enriquecedora que recomendo vivamente pela sua profundidade e pelo seu sustento histórico – e que enaltece as qualidades de pesquisa, investigação e escrita de Margarida de Magalhães Ramalho. Uma Autora que convoca a nossa memória para um passado simultaneamente distante e próximo, a partir do qual nos é possível refletir acerca do futuro da Costa histórica do Guincho.

Nuno Piteira Lopes

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS



Plantas autóctones do Guincho. Fotografias incluídas numa proposta de urbanização de 1942 da autoria do arquitecto Keil do Amaral | Arquivo Municipal de Lisboa | PT/AMLSB/FKA/17/007

INTRODUÇÃO

Quando se pensa na costa do Guincho pensa-se em vento, areia e mar.

Inserida no Parque Natural Sintra-Cascais é geomorfologicamente considerada pelos especialistas como um dos mais importantes monumentos do património natural português.

Ao longo de milhões de anos, toda esta orla costeira foi moldada pela força do vento, pelo mar bravo e pela areia, que, num movimento perpétuo, tem polido e esculpido os agrestes lapiás (calcários característicos desta região) enquanto as areias e as dunas se movimentam, livremente, ao sabor do vento.

Ao contrário doutras paisagens, talhadas em rocha dura, aqui, como, aliás, na Vida, tudo está em permanente movimento e aquilo que é hoje poderá não vir a ser amanhã e o que foi ontem também já não é.

Na génese deste livro esteve um desafio do restaurante Porto Santa Maria, que, com ele, queria marcar 75 anos de existência. Por razões várias, o projecto ficou parado durante dois anos tendo sido, agora, apadrinhado pela Câmara Municipal de Cascais, a quem agradeço reconhecidamente a sua edição.

Nele tentou-se incarnar o espírito de impermanência do lugar. Não tem, por isso, um fio único. É uma revoada de histórias, de âmbito variado, associadas à costa do Guincho.



Dunas e Praia do Guincho. Fotografias incluídas numa proposta de urbanização de 1942 da autoria do arquitecto Keil do Amaral | Arquivo Municipal de Lisboa | PT/AMLSB/FKA/17/007

A elas juntaram-se imagens de arquivo que cristalizam momentos únicos já desaparecidos e fotografias recentes de dois grandes fotógrafos residentes no concelho de Cascais, Giorgio Bordino e Guilherme Cardoso. E, sempre que se justifique, excertos de textos em caixa acompanharão alguns capítulos.

Como Costa do Guincho considerámos os cerca de dez quilómetros que ligam Cascais ao arranque da Serra de Sintra, outrora dedicada ao culto da Lua.

Embora o interior deste litoral tivesse tido ocupação humana – veja-se, a título de exemplo, o complexo industrial romano de Casais Velhos, perto da Areia – a permanência humana junto à costa foi, durante séculos, praticamente inexistente. Não seria por acaso que em 1580 os exércitos de Filipe II de Espanha a tivessem escolhido para um temeroso desembarque. Seria o começo da ocupação do país que só terminaria sessenta anos depois.

Em 1640, Portugal reconquistava a independência. A guerra com Espanha, porém, manter-se-ia por vinte e sete anos. Ao subir ao trono, D. João IV, o novo monarca, acautelaria de imediato as defesas do reino. Seria nesse âmbito que iriam ser erigidos ao longo de toda a costa portuguesa largas dezenas de fortes e baterias que ainda hoje marcam, de norte a sul, o nosso litoral. Um dos primeiros eixos a ser construído seria o que se situa entre Peniche e Xabregas reforçando, assim, a defesa da capital. Na costa do Guincho levantar-se-iam, neste período,



cinco fortes: Guincho, S. Brás de Sanchete, S. Jorge de Oitavos, N.ª S.ª da Guia e Santa Marta. No final do século XVIII, a Praia do Guincho seria reforçada com três baterias: Cresmina, Alta e Galé.

Cem anos mais tarde, o rei D. Luís escolheria, em 1870, a Cidadela para palácio de Verão. A modesta vila piscatória de Cascais passava à categoria de praia da corte e, por isso, a mais importante do país. Sem grandes distrações, a aristocracia e a família real a banhos habituaram-se a frequentar a Boca do Inferno, onde se podia admirar o mar em fúria ou a serenidade de uma noite de luar. Estes passeios, feitos geralmente de carruagem ou a cavalo, estendiam-se, por vezes, aos pinhais da Guia ou mesmo às longínquas praias do Guincho, onde a rainha Maria Pia gostava de fazer os seus piqueniques, mesmo de Inverno.

Este costume estender-se-ia primeiro às classes mais elevadas. Com a democratização do automóvel iria passar, paulatinamente, a todas as camadas sociais. Ainda hoje, sobretudo, de Verão, é normal ver as famílias a confraternizar à volta de uma refeição nos pinhais junto à Praia do Guincho.

Por outro lado, como um íman irresistível, as goelas da Boca do Inferno, sobretudo quando o mar está bravo, continuam também a exercer o seu fascínio sobre centenas de pessoas que aí ocorrem quase diariamente.

A estas histórias acrescentámos o incidente, em 1873, nas rochas do Mexilhoeiro, que, duma assentada, poderia ter determinado a morte da rainha e dos príncipes, bem como a escolha da Boca do Inferno para morada do último rei de Itália, no final da II Guerra Mundial. Também incluímos o “duelo” entre Alistar Crowley e Fernando Pessoa, as aventuras ligadas à II Guerra Mundial e o desaparecimento trágico do grande arquitecto português Cottinelli Telmo.

Mas há mais. O naufrágio, em 1957, do navio britânico Hildebrand à vista do Cabo Raso que faria acorrer aqui, durante semanas, milhares de mirones, os primeiros restaurantes, o Circuito automobilístico da Boca do Inferno – como chegou a ser conhecido – que fez as delícias dos amantes da velocidade e, finalmente, a ascensão da Praia do Guincho ao estrelato internacional devido aos desportos relacionados com o surf.

Enfim, um mar de histórias que, gostaríamos que ajudassem a preservar o carácter único desta costa verdadeiramente magnífica que deverá ser defendida, por todos nós, para que não se torne nunca num património de apenas alguns.

UM PASSEIO À BEIRA-MAR¹

À memória de Miguel Magalhães Ramalho, geólogo, amante do Guincho e meu irmão

«Não há rochas deste tipo no resto do País», dizia-me um dia, em passeio pelo Guincho, o geólogo Miguel Ramalho que durante anos dirigiu e defendeu com unhas e dentes o magnífico Museu Geológico de Lisboa, situado no último andar da Academia das Ciências.

Nesse dia, percorríamos a pé uma parte da costa entre o Cabo Raso e o Abano. Pelo caminho falou-se de Geologia, mas também da duna fóssil de Oitavos, das dunas móveis do Guincho, da imponência da Serra de Sintra e das singelas armérias, umas flores que nascem no meio das dunas e são características deste território.

No entanto, o objectivo deste passeio era fazer-nos compreender a história inscrita, ao longo de milhões de anos, nas arribas desta costa.

«Para percebermos porque é que estas rochas só existem nesta faixa temos que recuar 250 a 150 milhões de anos na história da Terra quando havia apenas um supercontinente (a Pangeia) e um só oceano».

Essa ideia de uma só terra e um só mar é quase poética. Fez-me pensar que bom seria abarcar-mos o significado profundo do começo da Terra. Só assim a poderemos respeitar verdadeiramente, bem como todos os seres vivos que nela habitam, a começar pelos outros homens e mulheres.

Alheio a este meu devaneio, Miguel Ramalho, um dos homens que mais estudou a geologia do Guincho, continuou:

«Todos sabemos que o nosso Planeta é uma “máquina em constante laboração” e que nós, os portugueses, habitamos uma região especialmente “móvel”. A “Máquina-Terra” integra um sistema físico-químico complexo que aciona tensões brutais capazes de rasgar as placas continentais para abrir oceanos que vão alastrando, sendo, depois, recobertos com materiais provenientes do seu interior (Manto) para a

¹ Este texto foi escrito a meias com a geóloga Luísa Carvalho Duarte, companheira, nas últimas décadas de vida, de Miguel Ramalho. Sem a sua preciosa ajuda científica não saberia reproduzir sem erros o que tantas vezes ouvi ao meu irmão.



seguir inverter o movimento e arrastar tudo em sentido contrário. Os novos depósitos são então comprimidos entre si e contra as suas margens continentais, fazendo com que os mais densos (originários do manto) mergulhem sob o continente para o interior profundo do manto, através de uma fossa – zona de Subducção – onde serão reciclados, enquanto os menos densos são intensamente deformados, dobrados, metamorfizados e injetados por magmas, originando montanhas que por sua vez serão erodidas e transformadas em sedimentos. É aquilo que em Geologia se chama o Ciclo de Wilson, um ciclo que se completa em centenas de milhões de anos e que, embora não enquadre toda a dinâmica do planeta, é muito importante na criação de ambientes com potencial interesse económico».

Entretanto o passeio continuava e Ramalho ia explicando em que ponto do ciclo de Wilson se situava cada bancada de rochas das arribas do Guincho, aqui um filão basáltico, ali um de calcário com fósseis marinhos, de águas salobras ou sedimentos continentais.

Pelo estudo que realizou sobre estas rochas, identificando a sua natureza, fósseis, microfósseis, idade de deposição ou geocronológica e suas variações no espaço e no tempo, Miguel Ramalho pôde então explicar-nos como foi complexo o processo de expansão no bordo oriental do Oceano Atlântico, processo esse que se desenrolou entre cerca de 120 e 160 milhões de anos com a instalação de três bacias intermédias, compartimentadas entre falhas onde o nível do mar oscilou entre períodos transgressivos e regressivos alternantes que ele definiu e circunscreveu no espaço e no tempo. Foi então que percebemos como foi complexo e não linear o período de expansão deste mar que tanto amamos, quer para mergulhar, quer para cavalgar nas suas ondas.

Nesse dia, ficámos ainda a perceber como os sedimentos desta região estão relacionados com o início da abertura do Atlântico que, segundo trabalhos recentes de geólogos marinhos, estará actualmente a inverter o seu período expansivo, e a iniciar um período compressivo que o fechará.

Felizmente nenhum de nós assistirá ao desaparecimento deste belo mar, do cheiro a maresia e do prazer de o ver espraiar-se sobre estes areais.

Mas é assim o vai e vem da vida, sempre em transformação e em constante mutação. A idade da Terra é contada em milhões e milhões de anos. Em comparação com ela, a idade da Humanidade nem chega a ter expressão. E, no entanto, os danos que já causámos estão a colocar em risco a própria Humanidade.

Mas como dizia Miguel Ramalho, isso não tem importância nenhuma, daqui a 100 mil anos a Terra continuará, bem viva, o seu caminho. Da Humanidade é que se calhar não haverá traço.

Mas enquanto o oceano não recua e a nossa presença continua a marcar a paisagem, disfrutemos da beleza desta costa magnífica que a Mãe Natureza nos ofereceu tão generosamente.





Dunas e vegetação autóctone junto ao passadiço que dá acesso à parte central da Praia do Guincho, s/d | Giorgio Bordino



Falésias entre a Praia do Abano e a Biscaia, s/d | Giogio Bordinó

PARQUE NATURAL SINTRA-CASCAIS

Todo o litoral que se estende entre a Guia e a Praia Grande está inserido no Parque Natural Sintra-Cascais. Criado em 1994, este território de cerca de 14,5 mil hectares engloba ainda toda a serra de Sintra – o antigo Monte da Lua – e estende-se até ao limite norte do concelho de Sintra. A 15 de Outubro de 1981 é criada a Área de Paisagem Protegida Sintra-Cascais, reconhecendo este território como um património natural de excepção.

Do ponto de vista da flora, a diversidade do Parque Natural é enorme e, na sua maioria, de característica mediterrânica. Aqui se podem encontrar cerca de 900 espécies autóctones, nomeadamente quase todos os carvalhos (*Quercus* spp.) existentes em Portugal e também freixos, salgueiros, ulmeiros e aveleiras.

Também a nível da fauna a diversidade é grande, estando identificadas 12 espécies de anfíbios, 20 de répteis, 160 de aves e 33 de mamíferos.²

AS DUNAS DO GUINCHO

«A formação do actual corredor dunar Guincho-Oitavos depende da deriva litoral de sedimento, pela deposição de areia na praia, seguida do seu transporte eólico para o interior e acumulação pela vegetação. O sistema move-se na direcção Norte-Sul sobre a plataforma de Cascais, formada essencialmente por rochas calcárias do Cretácico. Esta plataforma prolonga-se para Sul até Cascais numa faixa litoral baixa onde se intercalam as areias do complexo dunar e as plataformas litorais calcárias (campos de lapiás, mais ou menos aplanadas, que terminam no Cabo Raso. As dunas e areias das praias são formações geológicas significativas que se estendem pelo litoral de Cascais desde o Farol da Guia até ao Forte do Guincho. Entre o Forte de São Jorge de Oitavos e o Farol da Guia encontram-se pequenas manchas de dunas consolidadas, sendo a mais relevante a duna fóssil dos Oitavos. As dunas consolidadas e os vestígios de antigas praias (nas imediações da localidade de Areia) são do Período Quaternário, enquanto as formações geológicas modernas estão representadas pelas dunas atuais e pelas areias das praias do Guincho e Cresmina».³

² Informações recolhidas no site <https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-sintra-cascais?locale=pt>.

³ Mário Eurico Lisboa (coord.) *Fonte da Crismina: No caminho da Duna. Registo, estudo e conservação*, C. M. de Cascais, 2018.





Arribas da Guia, s/d | Giorgio Bordino

ALERTA NA COSTA

Com a desastrosa batalha de Alcácer Quibir em 1578, no norte de Marrocos, desaparecia sem deixar descendência o rei D. Sebastião. Com ele desaparecia também quase toda a aristocracia que o acompanhara nessa aventura. No trono sucedia-lhe o seu tio, o idoso Cardeal D. Henrique que, sendo clérigo, não se podia casar e, consequentemente, assegurar descendência legítima.

Para além de um problema a curto prazo de sucessão e da morte de milhares de portugueses, o Estado e as grandes famílias nobres tiveram de se endividar para pagar os astronómicos resgates exigidos pelos marroquinos a troco dos que tinham caído em cativeiro. Se a isto juntarmos o declínio do comércio mercantil, devido à concorrência de outros países, consegue-se entender que Portugal económica e socialmente estava “em muito maus lençóis”.

A morte do cardeal D. Henrique, no início de 1580, precipitaria os acontecimentos. Os três principais pretendentes ao trono eram netos do rei D. Manuel: D. Catarina de Bragança, D. António Prior do Crato e Filipe II, o poderoso rei de Espanha.

Este, que sonhava tutelar toda a Península Ibérica, vai saber aproveitar-se das fraquezas portuguesas. Através dos seus homens de mão, alicia não só as grandes famílias nobres, acenando-lhes com títulos e honrarias, mas também a burguesia mercantil com a possibilidade de poderem fazer comércio nos mercados ultramarinos espanhóis. Quase desde o início que D. Catarina ficaria fora da equação.

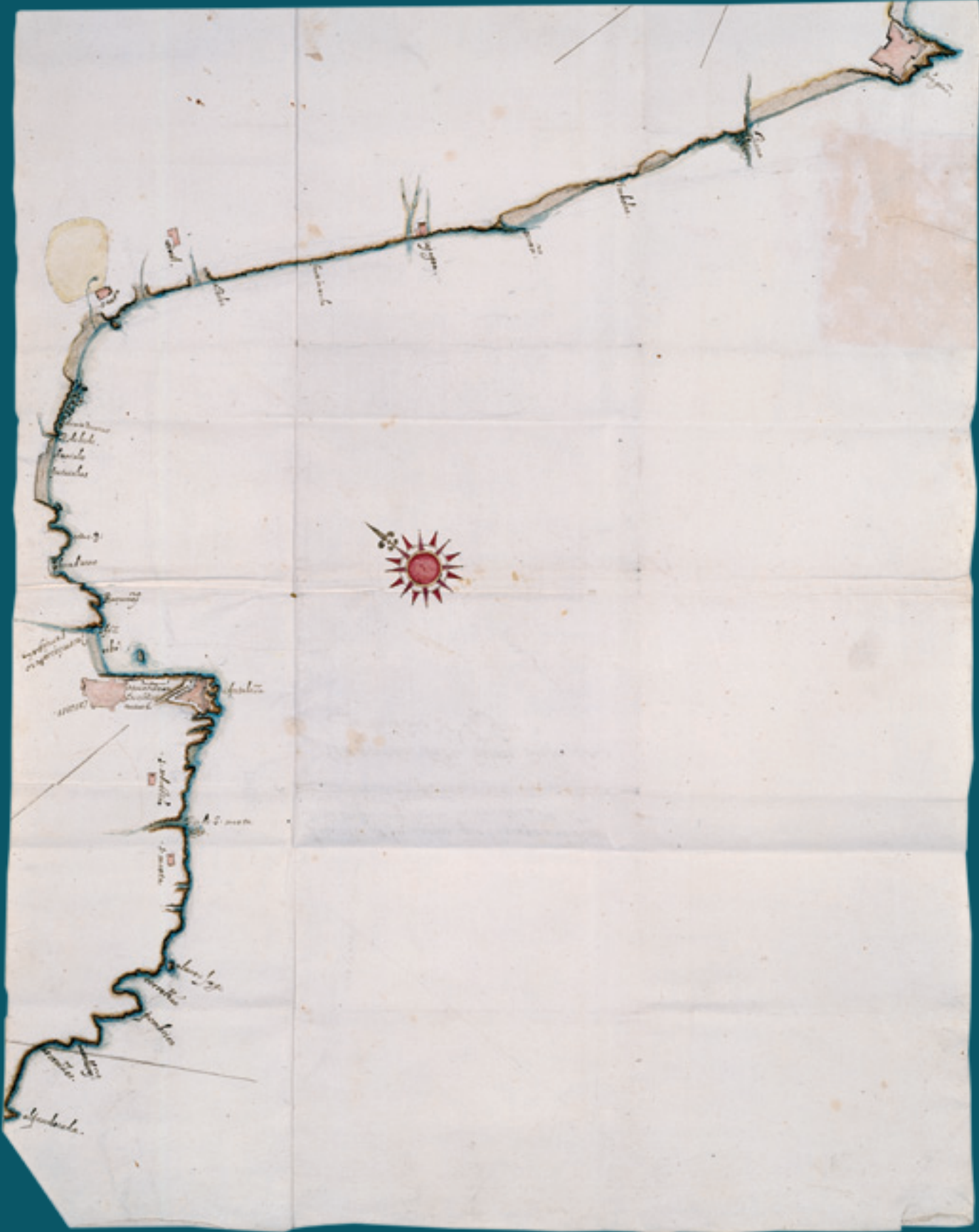
Quanto ao Prior do Crato, depois de se fazer aclamar como rei, ainda tentaria, em vão, fazer frente ao poderoso primo.

Não estando disposto a perder a oportunidade de ser rei do país de sua mãe, Filipe II decide, então, entregar o comando do seu exército ao duque d’Alba e o da sua armada ao marquês de Santa Cruz para que, em conjunto, invadissem Portugal e o tomassem pela força, se assim fosse necessário.



Tomada de Setúbal representada na Sala de Portugal onde se retratam os vários momentos da conquista de Portugal em 1580. Palácio do Marquês de Santa Cruz - Viso del Marqués em Ciudad Real LxFilmes

Desenho do Litoral de Cascais | Anónimo | Tudo indica tratar-se de um reconhecimento desta costa feito, antes da invasão, a pedido do duque d’Alba, c. 1580 | Arquivo da Casa de Alba, Madrid



Da cidade de Setúbal, onde tinha chegado dias antes, o duque escreveria a 27 de Julho de 1580 ao rei explicando-lhe que havia três alternativas para fazer chegar as tropas espanholas a Lisboa, o que equivaleria a conquistar o reino.

A primeira seria por Santarém. No entanto, como não tinham embarcações para construir uma ponte de barcas, a travessia do rio era impossível.

A segunda, para o duque a mais temerária, era forçar a barra do Tejo. Esta sabia-se que era perigosa e que para aí entrar eram necessários pilotos experientes. O risco era, pois, elevado. Se algum barco encalhasse num dos inúmeros baixios ou cabeços de areia, uma parte da Armada ficaria à mercê do triângulo defensivo formado pela fortaleza de S. Gião (S Julião da Barra), pelo forte provisório de madeira da Cabeça Seca (uma ilha que se encontrava no meio do estuário) – levantado pouco tempo antes – e pelos galeões armados estacionados à entrada do Tejo.

Posto isto, só restava uma alternativa. Desembarcar a norte de Cascais, numa zona isolada e não defendida. Esta opção não era, porém, isenta de perigos. Se o mar estivesse bravo, o desembarque poderia não ser exequível.

Com o duque d’Alba e o marquês de Santa Cruz seguia D. António de Castro – um apoiante da causa filipina – e profundo conhecedor de Cascais e da sua costa. Sendo senhor daquela vila, garantira que esta não iria fazer oposição a Filipe II, mas não podia

assegurar o que aconteceria se viessem tropas de Lisboa.

Informado pelos seus espiões, o duque conhecia bem os pontos da costa que estavam fortificados. Com a ajuda de D. António de Castro encaminharia então a armada para o litoral deserto do Guincho.

Como manobra de diversão, à vista de Cascais, algumas embarcações embicaram ao Estoril, enquanto o grosso da armada se dirigia ao Cabo de Sanchete (Cabo Raso). António de



Imagem fantasiosa do desembarque, em 1580, das tropas do Duque de Alba a norte do Cabo Raso. Sala de Portugal no Palácio do Marquês de Santa Cruz – Viso del Marqués em Ciudad Real

Escobar, um militar ao serviço de Castela, escreveria um extenso e pormenorizado relato sobre a tomada de Portugal. Para facilitar a leitura, os excertos de Escobar estão traduzidos em português corrente: «Deu ordem o duque para que a armada passasse ao largo de Cascais e seguisse seis milhas adiante onde havia um ancoradouro com altas falésias no qual com muito trabalho se poderia fundear».¹

Ao amanhecer do dia 29 de Julho de 1580, seguindo um plano previamente estabelecido, começaram a desembarcar, muito provavelmente numa das enseadas entre a Praia da Arriba e a Cresmina, 1500 homens em simultâneo, à razão de 20 homens por esquife. Contudo, tendo em conta o número de soldados e cavalos que vinham a bordo, pode-se equacionar que as tropas filipinas tivessem tido mais que um ponto de desembarque. Um deles poderia ter sido também a Lage do Ramil, junto ao Laboratório Marítimo da Guia, como já foi defendido por alguns.

Mesmo assim, só às 12 h do dia seguinte é que todo o exército filipino chegava a terra firme. Entretanto, acorria ao local D. Diogo de Meneses, antigo vice-rei da Índia e comandante das tropas do Prior do Crato, com cerca de dois mil homens, uns a pé, outros a cavalo. Para os manter afastados, diz-nos Escobar que as galeras espanholas não pararam de disparar sobre a costa: «Para evitar que D. Diogo impedisse o nosso exército de desembarcar, as nossas galeras começaram a fazer fogo sobre a cavalaria e infantaria portuguesa, obrigando-as a retirarem-se porque os balázios acertavam no meio dos seus esquadrões e uma grande bala atingiu também a cavalaria sendo visível das galeras os danos provocados. A artilharia das galeras não parava de disparar evitando que os portugueses chegassem à marina e assim pudessem estorvar o desembarque. E logo começaram a sair os esquifes para o mar e a entrar neles a nossa infantaria».²

Sem capacidade para enfrentar tal poder de fogo, as tropas portuguesas debandaram e D. Diogo acabaria por se entrincheirar com um punhado de homens na Torre de Santo António,



Farol e Ermida da Guia, 1950 | AHMCSC/AFTG/CAP/A/183

1 António Escobar, *Relación de la felicísima jornada que... Don Felipe... hizo en la conquista de Portugal*, introducción y edición de Amparo Alpañes, Anexos de la *Revista Lemir* (2004), p. 26.
2 Idem, p. 27.

uma fortificação do tempo de D. João II que fora entretanto abaluartada e que hoje conhecemos pelo nome de Fortaleza de Nossa Senhora da Luz (anexa à Cidadela).³

Os primeiros soldados a chegar a terra ocuparam a elevação mais próxima. Tudo indica que esse ponto alto fosse o cabeço de Oitavos, onde mais tarde chegou a existir uma fortificação. Diz Escobar: «(...) e em pouco tempo, a nossa infantaria ocupava a pequena elevação donde se podia ver os campos em redor e as bandeiras portuguesas bem como as da cavalaria e infantaria. E como os nossos, tinham dado pressa ao desembarque, iam formando esquadrões que marchavam em direcção ao inimigo, indo uns pela costa e os outros pelo campo, dando-lhes caça com os seus mosquetes.»⁴

Reconhecido o terreno, as tropas do duque d’Alba vão avançando até à ermida quinhentista de Nossa Senhora da Guia, onde é montado, nessa noite, o acampamento. Aí encontram um ermitão que tomava conta do farol, um dos mais antigos de Portugal. «Uma torre atalaia com janelas de vidro no alto servia de lanterna para que os navegantes vejam de noite a sua luz e não se percam. Na ermida está um ermitão com barba e cabelo até à cinta cuja função era acender, mal escurecia, aquela lanterna todas as noites com uma tocha que ele tinha junto à torre.»⁵

No dia seguinte – já com todo o exército em terra – a vila de Cascais é tomada e pilhada. Nem o palácio de D. António de Castro escaparia à voragem do saque. A torre/fortaleza é cercada. Apesar de lhes ter sido dada por duas vezes a hipótese de se renderem, os sitiados recusaram. A bandeira branca só seria içada quando as muralhas já estavam tão arrombadas pela artilharia espanhola que a defesa era inútil. «Entradas as trincheiras, na vila de Cascais desenganado o duque que D. Diogo de Meneses não largaria a Torre a começou a bater tão bravamente (...) não cessou até a arrombar de maneira que não havia já alguma defesa.»⁶

Irritado pelo tempo perdido com esta fortificação, Alba só aceitaria a rendição na condição de decidir a sorte dos cinquenta homens que lá se encontravam.

Um destes negociaria a sua liberdade em troca de uma delação. No interior da fortaleza, num espaço recôndito ficara escondido o chefe das tropas do Crato. Esperava, D. Diogo de Menezes, conseguir fugir a coberto da noite para Lisboa e assim poder encabeçar a defesa da capital. Sem ele, a probabilidade de vitória era ainda mais escassa.

Apostado em quebrar a resistência portuguesa, o duque manda degolar D. Diogo de Meneses e enforcar o alcaide da fortaleza, Henrique Pereira Lacerda, ficando o seu corpo pendurado alguns dias na parte mais alta da fortificação. O mesmo aconteceria a mais dois artilheiros que ficariam suspensos em dois canhões da Bateria Alta «para que toda a gente os pudesse ver desde Cascais».⁷ Quanto aos outros prisioneiros continuariam em cárcere dentro da fortaleza.

3 Esta fortificação localiza-se no final do Passeio Maria Pia, em Cascais e está desde 1640 integrada no perímetro fortificado da Cidadela de Cascais.

4 Escobar, p. 27.

5 Idem, p. 28.

6 Biblioteca Nacional, Reservados, cód. 8570, p. 129.

7 Escobar, p. 31.

A estratégia do velho duque acabaria por resultar. E como prometera a Felipe II, nesse inverno, este já seria o “senhor pacífico deste reino”...

Durante sessenta anos, Portugal ficou sob o jugo espanhol. Contudo, a 1 de Dezembro de 1640, uma conjura palaciana afastava a vice-rainha, Margarida de Saboia, duquesa de Mântua, e colocava no trono D. João, duque de Bragança.

A luta pela independência, porém, seria longa, tendo durado anos.

Durante a Guerra da Restauração ou Aclamação, o litoral português viu-se reforçado com a construção de inúmeras fortificações, nomeadamente entre Cascais e o Cabo da Roca. É nesse contexto que são levantados, poucos anos após a Restauração, os fortes de N^a Sr^a da Conceição e Santa Catarina e as muralhas da praia, já desaparecidos, a Cidadela e os fortes de Santa Marta (hoje farol e museu), o Forte de Nossa Senhora da Guia (hoje Laboratório Marítimo da Guia), o Forte de S. Jorge de Oitavos (agora um espaço museológico), o Forte de S. Brás de Sanchete, actual Farol do Cabo Raso, o Forte do Guincho, que se encontra devoluto, junto à Praia do Abano e o Forte do Cabo da Roca, entretanto desaparecido.

Em 1762, o envolvimento de Portugal na Guerra dos Sete Anos determinaria a vinda do Conde de Lippe⁸ para reorganizar o exército e as defesas do Reino. Seriam, então, restauradas todas as fortificações estratégicas à defesa e mandadas erigir três baterias junto à Praia do Guincho: Cresmina, que ainda existe, embora tenha sido alvo de uma intervenção contemporânea; Alta, destruída para dar lugar ao Hotel do Guincho (1959) e Galé, substituída, primeiro pelo restaurante A Barraca e em 1964 pela Estalagem do Muchaxo. Terá sido eventualmente no tempo de Lippe que se construiu também a Torre de Vigia que ainda hoje se pode ver, semiarruinada, junto à Boca do Inferno. Como referem os investigadores Joaquim Boiça e Fátima Barros: «Na costa ocidental de Cascais existiram pelo menos três torres de vigia: uma junto ao cabo da Roca, outra na elevação de Oitavos, e uma última, já referida nas proximidades da Boca do Inferno (...) a única que sobreviveu até aos nossos dias (...).»⁹



Farol-Museu de Santa Marta | Câmara Municipal de Cascais

8 Wilhem Schaumburg-Lippe (1724-1777). Foi um oficial alemão enviado por Londres para vir, em 1762, reorganizar as defesas e o exército português no contexto da Guerra dos Sete anos. Terminado o conflito regressaria à Baixa Saxónia onde viria a ser conde reinante de Lippe.

9 Joaquim Manuel Ferreira Boiça, Maria de Fátima Rombouts Barros, Margarida de Magalhães Ramalho, *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*, Quetzal, 2001, p. 162.

Por essa altura, e, ainda no âmbito do reforço da defesa da costa, os fortes referidos seriam reparados e melhorados. Em Santa Marta, por exemplo, é construído, entre 1762 e 1763 «(...) um longo parapeito exterior, de grande extensão. Virado a nascente, partia do topo da muralha do forte e projectava-se ao longo da margem rochosa. Dispunha de duas plataformas lajeadas, com cinco canhoneiras, pelas quais se fazia fogo cruzado com a bateria dos Artilheiros da Praça (Cidadela).»¹⁰

Perdida a sua função militar, em meados de oitocentos, o Forte de Santa Marta é adaptado, em 1864, a farol por determinação da Inspeção de Faróis do Reino. A sua característica torre listada azul e branca seria alteada em 1936, passando, então, a ter trinta e seis metros de altura. Em 2007, depois de uma intervenção dos arquitectos Francisco e Manuel Ayres de Mateus e com a curadoria de Joaquim Boiça, era inaugurado o Farol-Museu de Santa Marta.

Como sempre sucedeu, os tempos de paz primaram pelo desleixo na manutenção destas estruturas militares. Assim, tinham de ser ciclicamente intervencionadas para reparações, restauros e melhoramentos. É nesse contexto que o Forte da Guia é intervencionado, primeiro após o Terramoto de 1755 que lhe causara alguma ruína, e no final desse século. Perdida a função militar os terrenos envolventes vão ser adquiridos pelo proprietário da Quinta da Marinha, o conde de Moser, que

manda derrubar os parapeitos do forte. No final da década de 1920, o edifício era arrendado à Faculdade de Ciências/Museu Bocage, passando para a sua posse definitiva em 1942. Hoje está ali instalado o Laboratório Marítimo da Guia.

Tendo tido um percurso mais ou menos idêntico aos anteriores, o Forte de S. Jorge de Oitavos foi cedido em 1889 à Guarda Fiscal. Mais recentemente, em 2001, passou para a tutela da Câmara Municipal de Cascais, que o transformou num núcleo museológico.



Forte de S. Jorge de Oitavos | AHMCSC/AESP/CNM/1250

10 Boiça, ob. cit., p. 152.



Quanto a S. Brás de Sanchete, intervencionado por diversas vezes, seria no final do século XIX, adaptado a farol. Referem Joaquim Boiça e Fátima Barros: «A partir de então, o recorte e fisionomia do forte foram sucessivamente alterados de acordo com as necessidades técnicas e logísticas do serviço de sinalização marítima. Assim, em 1915, parte da antiga bateria e terraço são ocupados por uma torre faroleira, construída em ferro e que ainda hoje se pode observar, e pela casa do faroleiro, edificando-se uma outra dependência no lado de terra para alojamentos e armazéns.»¹¹ Referem ainda estes autores que o Farol do Cabo Raso, como hoje é conhecido, utilizou, inicialmente, um aparelho, assente numa estrutura metálica, que pertencera ao Farol

de Olhão. O problema é que não só a sua luz tinha pouco alcance (5 milhas) como tinha de ser diariamente retirado. Pouco prático! A construção, em 1915, da sua bela torre metálica vermelha, bem como a luz que emite, viriam a solucionar o problema.

Para além dos fortes referidos, houve mais um outro que não teve praticamente história e não deixou qualquer vestígio. Trata-se do Forte Novo.

Em 1831, uma esquadra francesa comandada pelo almirante Roussin entrou, sem resistência, na Barra do Tejo, ancorando em frente a Lisboa. Com este acto, protestava a França contra a prisão de dois cidadãos franceses residentes em Lisboa. Seriam, obviamente, libertados. Na sequência deste incidente, o rei D. Miguel ainda mandaria erigir

junto à Pedra da Nau, entre Santa Marta e a Boca do Inferno uma nova fortificação, o Forte Novo, para reforço da costa. Teria, no entanto, vida curta e em 1868 estava completamente arruinado. Dele, hoje, só ficou pouco mais que a memória.



Forte do Guincho junto à Praia do Abano, 1950 | AHMCSC/AFTG/CAP/A/160

11 Boiça, ob. cit., p.183.



“(…) e com estas divisões veio nova, aos 29 do dito mês de Julho, como armada dos castelhanos andava a vista de Cascais com o qual nova se deu outro Rebate com repique de sinos ao que acudiu toda a gente tanto a pé como a cavalo, porem não foram por vir nova logo que as gales se retiraram outra vez e também porque estava la tudo provido de gente para estorvar o desembarque e dom Diogo de Meneses por general dela e ao outro dia tornou a vir nova como as gales embocarão abaixo de Cascais e tinham deitado gente fora e no mesmo dia segundou outra nova que estavam em Cascais e a gente toda nossa tinha desemparrado tudo e se tinham acolhido pelo que ouvindo o Sr. dom Ant^o a nova se pós a cavalo para ir em socorro com muita gente de pé e de cavalo que o seguiu e acompanhou e chegando a Belém teve Concelho que não passasse avante antes tornasse atrás e viesse assentar arraial na alcântara do rio para ca como veio e ao primeiro de Agosto tornou a vir nova como os castelhanos andavam já em Oeiras (...) e aos mesmos 3 de Agosto da dita era tomou o duque Dalva a torre de Cascais onde estava dom Diogo de Meneses de que atrás falo e a defendeu sem a querer entregar ate que foi entrada E preso o dito dom Diogo o mandaram degolar publicamente no cadafalso que para isto mandaram fazer os castelhanos. Com a qual nova se muito escandalizarão os portugueses sentindo muito o povo miúdo que os fidalgos nem este escândalo e afronta foi causa num fidalgo tão Ilustre e parente de todos para eles se deixarem de se botar da parte de Castela tirando os que atras nomeio: (...) e com esta nova da tomada da torre de Cascais mandaram logo cá na cidade fechar todas as portas da cidade (...) depois logo de tomada de Cascais e a torre se foram tomar Sintra que pouca ou nenhuma defesa se lhes entregou logo porque aí estava a maior parte dos fidalgos com suas mulheres que eram da parte de Castela (...)”

Memorial de Pêro Ruiz Soares



Tomada de Cascais em 1580. Sala de Portugal no Palácio do Marquês de Santa Cruz – Viso del Marqués em Ciudad Real | LxFilmes



Praia do Guincho vista do caminho da Bisciaia, s/d | Giorgio Bordino